Terreno Escorregadio

Terreno Escorregadio
Leonor Talefe, João Eurico,
Marcelo Reis e Náhir Capêlo
Curadoria de Carolina Fangueiro
e Letícia Costelha
28 março–16 maio 2026

Escorregámos até aqui. O caminho desvia-se e a realidade foge a cada passo. As coisas vão aparecendo no escuro, fundem-se, revelam-se, voltam a desaparecer. O ruído torna-se imagem e luz, o tempo desenha-se na pedra. Símbolos antigos juntam-se a artefactos do agora, o abrigo acolhe-nos para que imaginemos nestas imagens novas possibilidades.
Aqui o tempo é diferente, não é possível possuí-lo, não tem preço nem dono. A dúvida faz-nos ficar, sem medo de não compreender e com a confiança de que teremos as respostas que precisamos. Vamos imaginá-las, e vão ser verdade. Apesar do acaso que nos trouxe aqui, a gruta recebe-nos e pede-nos para ficar, para que estejamos calmamente aqui, em conjunto.

"Terreno escorregadio" é uma exposição coletiva de quatro artistas jovens do Porto, com práticas que cruzam o limiar do real através das imagens, para pensar outros tempos e possibilidades inexploradas, lembrando-nos que o caminho para a mudança requer que, primeiro, a consigamos imaginar.

LEONOR TALEFE (Leiria, 1998) explora, através da sua prática artística, questões relacionadas com o espaço que partilhamos e como nos relacionamos uns com os outros. Trabalhar em conjunto, aprender em conjunto, criar um espaço que seja comum, entre nós e o que nos rodeia. Utiliza o processo criativo e as experiências partilhadas como parte do próprio trabalho, recorrendo a arquivos, objetos e imagens familiares e da memória coletiva, com base em imagens da vida quotidiana e da rotina diária, de forma a procurar aproximar-se do que poderá ser esse espaço partilhado.

JOÃO EURICO (Porto, 1995) é artista nascido e a viver no Porto, com formação em fotografia, movido por um interesse primitivo na imagem enquanto linguagem. O seu trabalho cruza vários temas e ideias que vão do acaso ao simbolismo e à cultura pop, explorando estados de consciência e a maneira como os humanos se relacionam entre si, com a tecnologia e com o planeta. Usa principalmente colagens, desenhos e pinturas enquanto espaço de projeção, mediação e distorção da experiência humana. A sua prática não procura respostas fixas, mas antes abrir possibilidades, aceitar contradições e acompanhar a complexidade das coisas—humanas e não humanas.

MARCELO REIS (Porto, 1995) é músico e artista plástico. Licenciado em Cinema e Audiovisual pela ESAP, mestre em Artes Plásticas pela FBAUP e doutorando em Artes Plásticas na FBAUP. O seu corpo de trabalho foc em pensar nas possibilidades plásticas do sinal e de que forma a transcodificação para diferentes suportes afecta o referente da mensagem que o sinal transporta. A mensagem resultante é apresentada em formatos como instalação, som e imagem impressa.

NÁHIR CAPÊLO (Suécia, 1994) Vive e trabalha no Porto. Frequentou o curso de Artes Visuais e Fotografia da ESAP (2015-2018) e, em 2021, concluiu o Mestrado em Artes Plásticas—Intermédia da FBAUP. A sua prática abrange a instalação, o vídeo, a fotografia e o som, frequentemente relacionando temas como tempo, natureza e crítica cultural. O seu trabalho desenvolve-se a partir da observação dos lentos e quase imperceptíveis processos de transformação da matéria, compreendendo a natureza como um conceito híbrido e instável.

Tenho estado a sonhar.

Acordei de repente, imobilizada. A minha respiração acelerada demorou a acalmar. Enquanto esperava que abrandasse, percorri mentalmente o meu corpo, e percebi que todos os músculos estavam contraídos, congelados ainda pelo sonho de que acabava de despertar. Fui dando pequenas ordens a cada membro, para relaxar os dedos dos pés, as coxas, a barriga, o maxilar. Há um momento em que não estou dentro do meu corpo, a minha consciência ficou ainda algures para trás (ou para cima?), presa ao sonho que acaba de terminar. Voltei lentamente. Há um prazer específico que resulta de me aperceber que fico um pouco entre o que sonhei e a minha cama.

É preciso confiar para adormecer. O pedido é grande, mas possível. É aí que se acede ao que não fica nas primeiras camadas do real, fica algures abaixo, ou entre elas. É um tipo de virtualidade onde o descanso é operador do sonho, para sonhar com outras possibilidades e trazê-las, aos poucos, para as camadas acordadas da realidade. É um sítio estranho, *escorregadio*. Não é estranho no sentido em que parece faltar alguma coisa, mas que apesar da falta (neste caso, de uma explicação, de uma racionalização ou de uma ideia concreta) o espaço convida a que o habitemos. Se este sentimento estranho pode ser uma deslocação do familiar, do espaço habitado, aqui é o contrário: de fazer o estranho regressar ao familiar.

Há quem precise de métodos exteriores que expliquem os seus próprios sonhos. Não compreendo: gosto da dúvida, de não perceber, de tentar fazer sentido ou deixar que o sentido venha ter comigo muito depois. Não me importo de esperar. E enquanto não vem, o sentido, ficam as imagens estranhas e deslocadas, provas da imaginação ou evidências de outros mundos aos quais só acedi a sonhar ou por sonhá-los. Não me importa que sejam palpáveis, não me importa descobrir de onde vêm ou porque os vivi. Quero preservar os símbolos que me chegam nos sonhos—não dissecá-los quando estou acordada. Conhecendo-os porque vivo com eles tal como chegaram até mim, eventualmente, irão dissolver-se no sou quando estou acordada, pois nunca foram mais do que isso. Explicá-los quando acordo seria negar-lhes a magia com que chegaram. Deixarei que me toquem, irei carregá-los comigo e ficar com eles até que se abram, não forçarei significado numa coisa que é suposto ser descoberta através da vivência. E se não conseguir carregá-los para a minha vida acordada, sentirei falta do sentimento que deixaram para trás, incapaz de os nomear. Vou admirá-los e apreciá-los sem intenção de os possuir, pois eles não me pertencem. Desfruto do facto de que estas imagens me encontraram, de que abri caminho para estes mundos ainda que num outro plano, e mesmo que não possa regressar. E se o que restar forem apenas os momentos-ápice, os vislumbres, despertados ao longo da minha existência neste plano, em que te conto isto, isso será suficiente.

Carolina Fangueiro

Ao subir para o atelier passei rapidamente por uma minhoca no meio da terra, no meio da cidade, um momento breve que me levou para outro lugar, que me abriu um portal temporal: quando brincava com a terra e encontrava minhocas, gafanhotos, bichos da conta, aranhas ou formigas. aquele olhar rápido levou-me para o cheiro da terra molhada, a textura das mãos sujas e de um pau a descascar. senti muitas saudades. há momentos na vida e no pensamento que são certezas absolutas. são momentos-ápice, que nos fogem pelas mãos mas permanecem para sempre entre os nossos dedos e tentamos agarrá-los no dia-a-dia, nos momentos de maior dúvida. esses são permanentes, a dúvida é permanente. não vejo a dúvida como um problema a resolver, mas como um estado necessário para que algo continue a acontecer. quando tudo é demasiado claro, já não há espaço para intuição, para desvio, para atenção. viver num centro urbano dá-nos um pouco a sensação de que temos tudo sob controlo, que tudo se resolve à distância de um clique do telemóvel ou um pagamento online. onde estão os momentos de medo? o final de uma longa caminhada pela serra, os pés no riacho, o trémulo momento de quase tempestade, um arrepio pelo corpo que nos trás o receio, esse receio que nos traz a consciência para o momento presente. quero pisar terreno escorregadio, quero tentar pisar nesse terreno e não escorregar, quero tentar pisar nesse terreno sem escorregar e acabar por fazê-lo. mas quero também ter vontade e coragem de pisar nesse terreno escorregadio. longe de casa, aqui, anoiteceu só agora, a luz da noite entra pelas janelas do meu atelier-casa e ilumina todos os cantos, como uma noite de lua cheia—é mentira, é luz artificial. isso não evita que eu sonhe, caminho por um lugar que se assemelha a uma gruta, feixos dessa luz de lua artificial alumiam meu caminho, mostram-me sons que nunca escutei, não sei se estou verdadeiramente a escutá-los, muito provavelmente nunca os escutarei de verdade, mas não faz mal, gosto de os ouvir assim mesmo. sonho deitada no chão de mármore deste espaço provisório que habito. sinto-me neste estado de entrega ao destino, uma sensação ténue de certeza e insegurança me domina. como é bom poder escorregar entre o limiar de sentir o meu corpo presente e a minha mente caindo num sonho acordado.

Letícia Costelha

1 João Eurico

1a. *Arquivo*, 2015-2025
Coleção de colagens, desenhos e poemas
21 x 29,7 cm

1b. Sem título, 2019-2025
Série de recortes de papel, couro, gaze, cartão, acetato, vidro, trevo de 4 folhas, tecido tingido
21,5 x 26,5 cm

1c. Sem título, 2019-2025
Série de recortes de papel, couro, gaze, cartão, acetato, vidro, trevo de 4 folhas, tecido tingido
9 x 13 cm

1d. Sem título, 2019-2025
Dimensões variáveis
(19,5 x 21,5 cm/21,5 x 26,5/21,5 x 30,5 cm)

2. Marcelo Reis
Couros #2, 2026
Impressão backlit, parafina, caixa de luz
180 x 60 x 23cm

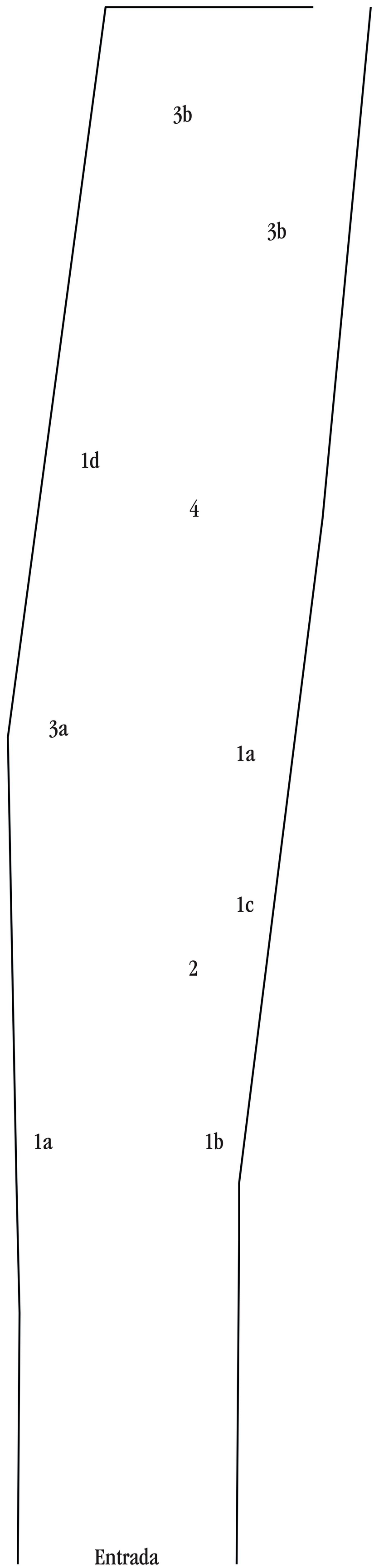
3. Náhir Capêlo

3a. *Echoes*, 2023
Alguidar em metal, pedras, água e plantas vivas
Ø100 x 28 cm

3b. *Cobra verde*, 2026
Sublimação em tecido de poliéster
200 x 100 cm

Vídeo projeção a cores
5'20"

4. Leonor Talefe
iremos continuar a juntar-nos em círculos, 2026
tecido de algodão, corda, ripas de madeira, areia, impressão em acetato e retroprojetor
220 x 300 x 180 cm



Texto: Letícia Costelha, Carolina Fangueiro
Tradução e revisão: Carolina Fangueiro
Produção: Carolina Fangueiro, Pedro Huet, Rita Senra
Montagem: Jorge Pinheiro, Francisco Morão, João Pedro Trindade
Design: Macedo Cannatá
Programa Público: Letícia Costelha, Mafalda Costa
Agradecimentos: Henrique Costa, Kiko Pedras, Mariana Vilanova, Pedro Tavares, Vera Carmo

A equipa do Sismógrafo é composta por:
Dário Cannatà, Letícia Costelha, Carolina Fangueiro, Pedro Huet, Maria João Macedo, Hernâni Reis Baptista, Rita Senra e João Pedro Trindade

Sismógrafo tem o apoio de

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA
dgARTES DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES
rpac rede portuguesa de arte contemporânea
Apoio Criatório Porto.
Freguesia BONFIM
CIN
artworks

www.sismografo.org / Quarta-feira a Sábado 15:00–19:00
Rua do Heroísmo 318. Porto, Portugal

sismógrafo